

# CURSO HISTÓRIA DA IGREJA

*Altirez dos Santos*

Sistematização de **Maria Ruth Barbosa**, com gratidão.

## VII CONFERÊNCIA: PERÍODO APOSTÓLICO

A leitura de Atos dos Apóstolos é importante para entender a conferência do dia.

Quando os apóstolos ficaram sozinhos, três questões precisavam ser resolvidas:

1. Definição de uma identidade - era necessário saber o que os apóstolos eram. Isso era importante porque havia um atrito com alguns grupos de Jerusalém. Qual seria a identidade: uma nova religião ou uma nova aliança?

a dos fariseus, que dará origem ao judaísmo que conhecemos. Trata-se de um grupo que nega o Messias;

a ecclesia, formada por judeus que acreditam em Cristo, e começam a anunciar que o Messias ressuscitou;

os cristãos-judaicos - acreditam que Jesus é o Messias, mas não acham que Ele veio salvar a humanidade. São ciumentos.

Há um problema, porque os fariseus são os que detêm o poder.

2. Heresias. A mensagem do Messias se espalha. Alexandre, o

Grande, expandiu territórios, espalhando a filosofia grega. Os judeus foram atrás, fundando pequenas sinagogas, no sentido religioso e de comunidade também. Os apóstolos vão atrás dessas comunidades: anunciam para todos: os judeus e os gentios - pessoas de fora, que não fazem parte da fé judaica. Muitos grupos judaítas acabaram misturando a fé judaica com filosofias gregas chamadas gnosias ou gnósticas.

3. Redação do novo testamento: para reagir às heresias.

Definição de uma identidade - Muitas coisas estavam acontecendo na época:

O período apostólico da Igreja Católica, compreendido entre os anos 30 e 100 d.C., foi uma época de fervor, desafios e expansão. Testemunhou o nascimento e o desenvolvimento do Cristianismo e o zelo missionário dos apóstolos e primeiros cristãos. Nesta época, sabemos pela literatura, (cartas católicas e paulinas, além dos Atos dos

Apóstolos), houve muitos sinais prodigiosos e chamam a atenção das pessoas. Não se trata de uma figura de linguagem porque, se assim fosse, não haveria assim tanta adesão ao catolicismo.

Há uma diferenciação do judaísmo. Nos primeiros tempos, a comunidade católica ainda se reúne nas sinagogas; afinal, não estavam criando uma nova religião. Ela está se abrindo a todo o universo e chama essa missão de Igreja, que é a Católica (funcionando aqui como um adjetivo - para todos que fazem parte da humanidade). Cristo e os apóstolos não deixaram de ser bons judeus. Obviamente, houve mudanças no judaísmo da época de Cristo, que tinha sido muito influenciado pelos fariseus, que enfatizavam uma fé ritual externa, sem cuidar da reforma interior. Cristo volta para a vontade de Deus, que é as pessoas crescerem em santidade. Percebem, então, que não é mais necessário seguir os 613 mandamentos da *écheq*, porque não eram essenciais, como a questão da circuncisão. Os judeus ficam felizes quando escutam isso, pois sabem o que é essencial para Deus.

Existência de pequenas e vibrantes comunidades.

Perseguição e martírio, como o de Santo Estêvão, primeiro mártir, provavelmente autorizado por Paulo.

Começa nesta fase a organização e a liderança. As sinagogas começam a se tornar muito numerosas. Importante lembrar que, na época dos

fariseus, só havia sacerdotes em Jerusalém, não nas demais sinagogas, de forma que um bom judeu precisasse ir até lá fazer um sacrifício. As demais tinham, às vezes, um mestre de cantos. Apesar de não haver sacerdotes, havia algum doutor da lei em um posto de comando. Como não têm interesse no Messias, começam a isolar aqueles judeus que seguem Cristo. Assim, as comunidades passam a rezar nas casas, o que acontece por dois, três séculos.

Surgem heresias e cismas.

Nova literatura surge, que é o Novo Testamento.

As comunidades católicas do século I guardam diferenças e semelhanças com a de hoje. Eram pequenas, reuniam-se nas casas ou outros lugares discretos para celebrar a Eucaristia. Algumas características:

Forte senso de comunidade: os membros se consideravam irmãos e irmãs em Cristo, unidos pela fé e pelo amor a Deus. Compartilhavam refeições, recursos e se apoiavam mutuamente.

Vida centrada na Eucaristia: a celebração da Eucaristia era o centro da vida da comunidade. Era um momento de comunhão com Deus e com os irmãos.

Simplicidade: a vida da comunidade era simples e austera. Os membros se concentravam nas coisas essenciais da fé e não se preocupavam com bens materiais.

Igualdade: todos eram considerados iguais diante de Deus. Quando foram expulsos da sinagoga, foram expulsos dos postos de trabalho também. Era uma necessidade a vida em comum.

Evangelização: a missão era parte da natureza. Os membros se sentiam impelidos a compartilhar a fé com outras pessoas e a levar a mensagem de Jesus Cristo ao mundo.

Perseguição: a comunidade enfrentava perseguição por parte das autoridades romanas e dos judeus. Os membros eram frequentemente presos, torturados e até mesmo martirizados por sua fé.

Divisões internas, devido a diferentes interpretações da fé e da prática cristã.

É importante ler a Didaqué, o Catecismo dos 12 apóstolos, escrita, provavelmente, na segunda metade do século I, e fala como era a situação da época, o que acontecia, os costumes dele e como era a “missa” (tal qual é hoje). Muitos teólogos consideram que o Didaqué deveria estar na Bíblia, mas não está.

Quando passavam por comunidades, os apóstolos escolhiam um ancião (pessoa mais velha, que tinha mais conhecimento das escrituras) para ser o presbítero. Mais tarde, quando já havia mais pessoas, escolheram também os episcopos (supervisores), ou o que chamamos de bispos. São esses os sucessores dos apóstolos, que São João Evangelista vai chamar de anjos das igrejas. Há,

nessa época, o surgimento dos diáconos, que se ocupam da caridade.

Curiosamente, os primeiros escritos do Novo Testamento não foram os Evangelhos. O primeiro foram as cartas. É em Tessalonicenses que aparece a expressão “a boa notícia”. Então, primeiro surgem as cartas e, posteriormente, os Evangelhos, sendo o de Marcos o primeiro, seguido de Mateus.

### **Heresias: sombra, divisão e erro**

As heresias surgem, primeiramente, por serem uma disputa na pessoa de Cristo. Havia pessoas que achavam que o Messias chegaria em uma carruagem de fogo; outras que esperavam que fosse alguém que desse pão e circo para todos. Quando Jesus ressuscitou, as pessoas se dividiram em opiniões: era Elias que havia ressuscitado... Era um fantasma... Um homem comum de quem Deus gostou, mas não Deus Filho... Houve uma disputa da narrativa de quem era o Messias. Vejamos algumas heresias da época:

Judaísmo Cristão: para ser um bom cristão, tem de seguir as leis de Moisés. Tratava-se de um grupo que representava, mais ou menos, a metade das pessoas. Defendiam essa ideia os cristãos de origem judaica, como os nazarenos (não só habitantes de Nazaré, mas os que praticam a lei dos judeus ferrenhamente) e os ebionitas. Acreditavam que a salvação dependia da observação da Lei mosaica. Jesus seria o Messias prometido no Antigo Testamento, mas

dentro da tradição judaica. Esse pensamento criou uma oposição entre os cristãos de origem judaica e os gentios. A Igreja de Jerusalém, liderada por Tiago, era um centro do judaísmo cristão que foi perdendo força à medida que a Igreja se distanciava no judaísmo tradicional. Importante lembrar que Pedro fundou uma comunidade em Antioquia e de lá enviou os apóstolos para vários lugares.

O gnosticismo - posteriormente, escreveram muitos evangelhos apócrifos - Do grego "gnose", conhecimento; tem origem nas filosofias platônicas e orientais. Acreditavam na salvação pela gnose e não pela fé; o mundo material era tido como algo ruim (alguns católicos também acreditam nisso, mas somos cidadãos do mundo, além da Jerusalém celeste); Jesus seria um ser divino que veio ao mundo para revelar a gnose aos escolhidos. Levou ao surgimento de diversas seitas com diferentes interpretações da gnose. (Poderia se falar em uma semelhança com a maçonaria, lembrando que a Igreja Católica condena a maçonaria.)

Docetismo: do grego dokeo, significa "parecer". Significa que Jesus parecia ser uma pessoa, mas era apenas um fantasma. Origem nas ideias dualistas sobre o corpo e a alma. Com origem gnóstica, não gostam do material. Acreditava que Jesus Cristo não tinha um corpo humano real, mas apenas uma aparência. O sofrimento e a morte de Jesus na cruz teriam sido ilusórios (sendo um espírito elevado,

não teria sofrido). Isso gerou a negação da encarnação e redenção de Jesus. Foi a partir daí que a Igreja criou o dogma da virgindade de Maria e, o que depois veio a ser um dogma também, de sua concepção. Estão ligados a Cristo, para mostrar que Cristo não é um fantasma, é um ser que tem unidos os aspectos humano e divino.

Ebionismo: Derivado do hebraico "evyonin" (pobres), eram gnósticos judaicos. Misturaram o judaísmo com o gnosticismo. Para eles, Jesus seria um profeta importante, mas não o Filho de Deus; a Lei mosaica era obrigatória para todos os cristãos; negavam a divindade de Jesus e a virgindade de Maria. Essa heresia diminuía a importância de Jesus na fé e sua centralidade no Cristianismo. Teve forte presença na região da Judeia.

Marcionismo: Marcião (começo do século II) era radical. Não gostava do Deus do Antigo Testamento, porque era um deus do mal, e reformou o Novo Testamento, deixando apenas alguns textos do Antigo. Teria sido filho de bispo e talvez bispo na cidade de Sinope, Turquia. Foi expulso da Igreja por suas heresias. A crença é de que existiam dois deuses distintos - um do Antigo Testamento, rigoroso e vingativo, criador do mundo material imperfeito, e outro do Novo Testamento, bom e misericordioso, revelado por Jesus Cristo. Assim, rejeitou a maior parte do Antigo Testamento, criando uma nova versão do novo, composta apenas do

Evangelho de Lucas e dez epístolas de São Paulo, modificadas, para se adequar à sua teologia. Foi uma das heresias mais influentes do século II. A rejeição do Antigo Testamento forçou a Igreja a refletir sobre a relação entre as duas partes da Bíblia. A necessidade de combater o marcionismo contribuiu para a consolidação do cânon do Novo Testamento.

Montanismo: radicais, reunidos ao redor de um herege chamado Montano, acreditavam que o fim do mundo estava próximo. Montano se dizia o verdadeiro paráclito, ouvia o Espírito Santo que Jesus Cristo lhe enviava. Carismático, andava em transe, caía no chão (os seguidores também), supostamente falava/orava em línguas (dos solarian / glossolalia). Pregava a iminência do fim dos tempos, a necessidade de uma vida religiosa e a continuação da revelação divina através de si e de duas profetisas - Priscila e Maximila. O Espírito Santo, supostamente, só falava com eles. Enfatizava revelações particulares em detrimento da tradição apostólica. Proibia a relação entre as pessoas, encorajava o martírio. Não tinha comunhão com os bispos e os caluniava.

Nicolaítas: o capítulo II de Apocalipse os menciona, junto com os nomes de outros seis grupos hereges, quando São João escreve sua carta às igrejas. Os nicolaítas eram gnósticos opostos aos montanos; viviam em orgias e bebedeiras. Defendiam a promiscuidade sexual e a participação

em banquetes pagãos. O nome, provavelmente, deriva de Nicolau, um dos primeiros diáconos (Atos 6,5), mas não há evidências que ele tenha concordado com essas práticas.

A igreja católica nunca esteve sozinha. Hoje temos Assembleia de Deus...; antes tínhamos as heresias citadas. O que as heresias nos ensinam: as heresias permitiram o amadurecimento da Teologia Católica e a explicitação de diversas questões da fé.

### **A Resposta católica: o novo testamento**

Entre os anos 50 e 100 (ou 90), surge a redação do Novo Testamento, que antes era uma memória viva. Depois surgem as cartas que preservaram vários aspectos da memória de Jesus. Posteriormente, as coleções de frases e sentenças e, somente depois dos anos 50, começam os Evangelhos, iniciando por Marcos (entre 65 e 70). Depois, Mateus (entre 75 e 80) e Lucas (entre 80 e 90) e, por fim, João (entre 90 e talvez 100).

Marcas arqueológicas que podemos lembrar: túmulo do apóstolo Pedro debaixo da atual Basílica de São Pedro (a primeira basílica, doada por Constantino, durou até o século XV), a Casa de Maria, murais das catacumbas...